

APRESENTAÇÃO DO TEXTO

LECTURE ET MEMOIRE : PROJET DE RECHERCHE¹

MITTMANN, Solange

Fundação Universidade Federal do Rio Grande

Este texto é um projeto de pesquisa apresentado por Michel Pêcheux à Comissão de Psicologia do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) em 1982.

Foi apresentado ao programa temático² “Linguagem: produção, percepção, compreensão da linguagem falada e escrita. Aspectos cognitivos e neurobiológicos.” Este nome é importante para se deduzir os motivos que levaram à recusa do projeto pela Comissão. Embora uma nota no texto diga que a exclusão se dá sobre os trabalhos sobre “corpus”, percebemos em sua proposta a característica de polemizador de Michel Pêcheux, graças à qual ainda o estudamos hoje.

Pêcheux apresenta uma proposta que ele chama de “alternativa” sobre a relação entre a memória e a leitura. E alternativa a quê? Exatamente ao que seriam os pressupostos do programa ao qual ele se apresenta. Ele diz claramente que não pretende tratar dos traços corticais em um organismo, nem de cicatrizes sobre este organismo, nem de traços comportamentais.

Além disso, ele contesta o pressuposto de que a leitura seja vista como um “tratamento da informação”, através de estratégias cognitivas, em que o sujeito “compreende” uma seqüência. Ora, “compreender” significaria resgatar um sentido literal desta seqüência. E essa a literalidade da seqüência seria um centro lógico do qual se poderiam efetuar pressupostos, inferências, implicações, etc., que deveriam estar adequados a este sentido literal. Além disso, esse sentido literal seria um sentido primeiro, do qual derivaria o sentido conotativo, como um sentido secundário.

Por extensão, Pêcheux contesta a idéia de um sujeito estratégico, munido de um maquinário lógico que se supõe ser o centro capaz de construir o sentido da

¹ PÊCHEUX, Michel. Lecture et mémoire: projet de recherche. In: MALDIDIÉ, Denise. *L'inquiétude du discours: textes de Michel Pêcheux*. Chapitre IX. Éditions des Cendres, 1990. p.285-293.

² Ation Thématique Programmée – ATP: “Langage: Production, perception, compréhension du langage parlé et écrit. Aspects cognitifs et neurobiologiques”

seqüência. Note-se, então, que está em questão aqui a perspectiva cognitivista sobre o sentido e o sujeito.

Ele contesta, portanto, tanto este suposto “centro”, que seria o sentido literal, a partir do qual, através da lógica se chegaria a outros sentidos secundários, como a idéia de uma memória centrada num sujeito biológico munido de um maquinário lógico. Em outras palavras, ou ainda, recuperando as próprias palavras do programa, a proposta de Pêcheux vai de encontro, exatamente, aos “aspectos cognitivos e neurobiológicos”. Isso deve explicar, em parte, a recusa do projeto pela Comissão.

E qual é, então, a sua proposta? Abordar a relação entre leitura e memória, “colocando em jogo o estatuto social da memória como condição de seu funcionamento discursivo, na produção e interpretação de redes de traços gráficos e fônicos”.

Para isso, Pêcheux retoma a proposta de Foucault, n’*A Arqueologia do Saber*(1969), de tratar o corpus não como um documento, mas como um monumento, isto é, “isolando, agrupando, inter-relacionando, organizando em conjunto uma massa de elementos”.

Além disso, Pêcheux cita de Foucault (idem) a noção de enunciado como um “nó” em uma rede, conforme a noção é redefinida por Courtine (1981), que já fala em uma “rede interdiscursiva”

E é exatamente a noção de interdiscurso que vai sustentar seu projeto, opondo-se à visão cognitivista e neurobiológica.

Integrando os níveis sintáticos, lexicais e enunciativos, Pêcheux propõe uma “análise lingüística discursiva” que considere o interdiscurso. Nas palavras do autor: “trata-se de estudar as modalidades sob as quais os efeitos interdiscursivos, do pré-construído, do discurso transversal e do discurso reportado intervêm na estruturação da seqüência”.

E como analisar, então, a presença do outro (interlocutor, ou aquele que é citado) e do Outro (inconsciente e interdiscurso) na seqüência, ou num conjunto de seqüências?

Pêcheux analisa, como exemplo, a seqüência

Pedro está lá, mas João não o verá.

Inicialmente recorre a Ducrot (1980), que trata do funcionamento de conectores como o “mas”. Assim, teríamos:

- o enunciado A: “Pedro está lá”

- o enunciado B: “João não o verá”
- um suposto enunciado B’: “João verá Pierre”, que pertence ao não-dito da seqüência
- a significação: “A mas B”, em que (B) = neg (B’)

Desta forma, o modelo de Ducrot seria constituído por um conjunto de hipóteses expressas por fórmulas que levariam a construir a significação não literal da seqüência.

E qual é a proposta de Pêcheux? Antes de tudo considerar o interdiscurso com essencial para a construção e a análise de uma seqüência.

A partir do enunciado “Pedro está lá”, os elementos interdiscursivos permitem a introdução do nome próprio “João” como pré-construído, como algo que está lá fora e que intervém no enunciado, apontando para a presença de Pedro e permitindo a ligação transversa entre “estar lá” e “estar visível”. Desta forma, tem-se o discurso outro/Outro “irrompendo na seqüência”.

Para concluir, é possível afirmar que, ao pensar a relação entre leitura e memória, Pêcheux mostra a necessidade de pensar as noções de subjetividade e de produção de sentido, mostrando que a sua constituição se dá pelo interdiscurso através da memória discursiva.

Para tentar explorar melhor este texto de Pêcheux, vou apresentar, muito brevemente, duas séries de formulações e sua relação com a memória.

Atualmente, estou trabalhando com a análise da constituição heterogênea de discursos da mídia sobre o corpo feminino. E deste projeto, selecionei a primeira série de formulações:

PRIMEIRA SÉRIE : MEMÓRIA E PADRÃO DE BELEZA: REMODELAR O CORPO

A primeira série refere-se à necessidade de remodelar o corpo para estar de acordo com um padrão de beleza. São formulações encontradas nas revistas *Veja*, *Cyberdiet*, e *Plástica e Beleza*:

Seqüência 1:

A pessoa precisa se esforçar, mas, quando você está com aquela pulguinha atrás da orelha e não consegue perder a gordurinha localizada, a cirurgia plástica é um ótimo recurso. (Manuela, ex-BBB)

Nesta formulação, temos a afirmação do pré-construído sobre a necessidade de perder gordura, seja com ginástica, seja com cirurgia, para adequar-se a um padrão que está lá na memória.

Seqüência 2:

Apesar da moda dos seios turbinados, muitas mulheres buscam a redução mamária ou correção da flacidez tecidual.

A moda dos seios turbinados, e o significado de “turbinado” estão já na memória, funcionando aqui como pré-construído para a compreensão da primeira parte da formulação e para a construção do “desvio” na segunda parte.

Seqüência 3:

Que o bumbum é uma das grandes preferências nacionais, ninguém duvida. Dúvidas mesmo costumam surgir quando as mulheres decidem recorrer à cirurgia plástica para aumentar ou remodelar essa região do corpo.

Com a seqüência “ninguém duvida”, o pré-construído aparece como algo indiscutível. E se há necessidade de “remodelar” o corpo, então, não é qualquer bumbum que faz parte da preferência nacional, mas aquele – natural ou remodelado – que esteja de acordo com um certo padrão, que está já definido lá na memória.

Seqüência 4:

Graças à incorporação dos avanços tecnológicos, a lipoaspiração é um procedimento cirúrgico cada vez mais seguro e menos traumático.

As seqüências “cada vez mais” e “(cada vez) menos”, fazem referência à memória da falta de segurança durante o procedimento cirúrgico, e ao trauma resultante do mesmo. Além disso, “mais” e “menos” apontam para uma memória de desejo de “total” e “inexistente”.

Nestas quatro seqüências, independentes entre si, há uma mesma memória que se apresenta sob a forma de pré-construído: é preciso estar de acordo com um padrão (previsto na memória), quando não se está de acordo com este padrão, é preciso remodelar-se, o que gera risco e trauma.

SEGUNDA SÉRIE : MEMÓRIA E PROCESSO TRADUTÓRIO

A segunda série constitui-se de formulações da memória de uma Nota do Tradutor João Távora do livro *E a Bíblia tinha razão*, de Werner Keller (São Paulo, Melhoramentos, 1992), que apresento em meu livro *Notas do Tradutor*.

Finéias, sobrinho-neto de Moisés, vendo um israelita e uma medianita entrarem numa tenda, tomou de uma lança “e atravessou-os a ambos, o homem e a mulher, pelo ventre” (Números 25.8)*

N.T.: Quando autorizado por outra tradução, evito as expressões de sugestão pornográfica. É o caso aqui, no lugar de “pelo ventre”, onde aliás, a Vulgata discorda das outras traduções.

Para análise desta nota, recorri fragmentos do texto “original” em alemão, de Keller, e de outras notas do tradutor João Távora, além de outros textos a que o tradutor recorreu, como algumas versões da Bíblia. Todos esses fragmentos - assim como tantos outros não citados aqui – formam a memória do processo tradutório de João Távora.

A primeira seqüência que cito é do texto “original” de Werner Keller, *Und die Bibel hat doch recht*, Alemanha, 1964:

Seqüência 1:

Pinehas, der Grosneffe Moses, der einen Israeliten mit einer Midianiterin ins Zelt gehen sieht, nimmt einen Spies “und durchstach sie beide, den israelitischen Mann und das Weib, durch ihren Bauch” (4. Mos. 25,8)

Este é o primeiro discurso a que o tradutor recorre, é claro. Mas o discurso da tradução não se fecha na relação entre o próprio tradutor e o texto original. Durante

o processo tradutório, o tradutor recorre a outras fontes, isto é, ao interdiscurso, como o próprio João Távora afirma em uma N.T.:

Seqüência 2:

As citações bíblicas em português foram copiadas da Bíblia Sagrada, traduzida da Vulgata pelo Padre Matos Soares. Só em casos em que há discrepância essencial, traduzo fielmente as citações alemãs.

Assim, no discurso do tradutor brasileiro, há um atravessamento de discursos, como o discurso do autor, o discurso da Bíblia inscrito no original de Keller e o discurso da Bíblia na tradução da Vulgata para o Português pelo Pe. Matos Soares a que o tradutor recorreu. Esta é uma escolha imposta, embora sob a ilusão da liberdade, por uma interpelação pela FD católica sobre o tradutor, como ele mesmo afirma em outra nota:

Seqüência 3:

Adotei a tradução da Vulgata por ser a aprovada pela Igreja Católica no Brasil

Mas é interessante notar que, embora Távora recorra à tradução da Vulgata citada, há uma relação de conflito entre as posições-sujeito, já que Távora não aceita esta tradução do Pe. Matos Soares, que diz:

Seqüência 4:

e atravessou-os a ambos, o homem e a mulher, pelas partes genitais (Bíblia Sagrada. Tradução da Vulgata pelo Pe. Matos Soares. 36.ed. São Paulo: Paulinas, 1980. Números, 25.8.)

E essa tradução é apagada, embora esteja ali assinalada, presente, no momento mesmo em que é negada, quando o tradutor afirma que evita “as expressões de sugestão pornográfica” e que, para isso, recorre “a outra tradução”, cuja referência não cita. E, embora neste texto Pêcheux não fale em FD, mas em interdiscurso, nós não podemos esquecer a importância que a FD tem em sua trajetória e na trajetória da AD.

O processo tradutório recorre à rede interdiscursiva de formulações (Courtine, citado por Pêcheux), que formam a memória da tradução de João Távora e de sua nota, dando-lhe sentido.

Acredito que, com essas duas séries, que mostram formas diferentes de produção de discurso, é possível perceber como a memória é constitutiva de qualquer discurso. E que a memória é a relação de discursos, ou seja, discursos do universos do interdiscurso ressoa entre si formando a memória que nos permite produzir e ler.

Referências Bibliográficas:

COURTINE, Jean-Jacques. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en Analyse du Discours: à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages*, Paris, n. 62, p.9-127, juin/1981.

Ducrot, Oswald [et al.]. *Les mots du discours*. Minuit, 1980.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz F.B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986. Tradução de: *L'archéologie du savoir*, 1969.